

TOME A SUA CRUZ E SIGA-ME – Mc 11.1-13.37

A entrada de Jesus em Jerusalém sinaliza o momento em que se inicia uma “virada” no seu ministério público. Até aqui Jesus realizou muitos sinais de libertação, normalmente seguido por uma multidão de pessoas. Os discípulos, porém, apesar de acompanharem Jesus de perto, de ouvirem seus ensinamentos e de testemunharem sua prática, não conseguem entender verdadeiramente quem é Jesus. Permanecem na cegueira, arrastados pela ideologia do poder. Por isso, a partir de agora Jesus vai mudar de estratégia para ocupar-se, de maneira especial, da tarefa de educar seus discípulos e revelar-lhes sua verdadeira identidade e sua missão neste mundo.

Entrada em Jerusalém

Jerusalém tinha grande importância religiosa na vida dos judeus, e Jesus chegou ali bem perto da celebração da Páscoa, uma das mais importantes festas judaicas onde se comemorava a libertação da escravidão do Egito. Durante essa época vinham judeus de todas as partes e a população de Jerusalém crescia cerca de quatro vezes mais que o habitual. Alguns detalhes chamam a atenção na narrativa:

- A entrada de Jesus em Jerusalém montado num jumento não foi um acidente ou capricho, mas o cumprimento de uma profecia e mais uma prova de que ele era o Messias prometido no Antigo Testamento. Muitos anos antes de Jesus vir ao mundo, o profeta Zacarias havia anunciado que o Messias chegaria a Jerusalém montado num jumento (Zc 9.9).

- O gesto de espalhar as vestes pelo caminho era uma prática antiga de boas vindas a um novo rei e um gesto de grande respeito.

- As frases de exaltação que as pessoas pronunciavam (Mc 11.9-10) eram parte de um conjunto de Salmos que todos os judeus conheciam e que eram entoados nas festas nacionais. O trecho registrado em Marcos se encontra no Salmo 118.25-26. Estes são versículos que falam a respeito do Messias que haveria de vir para salvar Israel. “Hosana” era uma palavra hebraica que significa “salva-nos agora” ou “Deus nos salva”.

- Marcos incluiu esses detalhes especiais na sua narrativa para dar mais indícios de que Jesus era o cumprimento das promessas de salvação presentes no Antigo Testamento.

- A partir da entrada em Jerusalém, Marcos procura esclarecer aos seus leitores que Jesus é o Messias, não o glorioso e triunfalista, e sim o que vai a cruz por amor, que teve que enfrentar todo sofrimento por causa de sua fidelidade ao projeto do Reino de Deus.

O Templo – Casa de Oração

Jesus não entra somente em Jerusalém, mas também no Templo. Novamente Marcos coloca um texto de transição: a figueira sem frutos (11.12ss). A atitude de Jesus com relação à figueira precisa ser entendida à luz da purificação do Templo realizada logo em seguida.

Ao entrar num dos pátios do Templo Jesus se deparou com um cenário de mercado a céu aberto e não com um local de adoração. Vendedores, autorizados pelo sumo sacerdote, vendiam animais próprios para o sacrifício e cambistas se dedicavam a trocar as moedas estrangeiras por moedas aceitas no Templo. Isso parecia facilitar a vida dos viajantes que vinham de longe, mas a verdade é que cobrando taxas excessivas por seus serviços, vendedores e cambistas se valiam da fé do povo para lucrar. A reação de Jesus diante de tamanho absurdo foi expulsar os que estavam se aproveitando do Templo para enriquecer e denunciar o pecado daqueles que haviam transformado a casa de Deus em um esconderijo de ladrões e comércio religioso.

O episódio da figueira infrutífera serviu como introdução a este acontecimento no Templo. A figueira era usada no Antigo Testamento para se referir à nação de Israel (Jr 8.13; Os 9.10) e, assim como a figueira não estava cumprindo seu propósito de dar frutos, Israel também havia falhado na sua missão de ser uma nação santa e de glorificar a Deus. Apesar de não ser época de figos as folhas prometiam que haveria frutos na árvore, já que os figos aparecem antes das folhas. A ausência de frutos denunciava a aparência enganadora daquela árvore. O Templo era semelhante à figueira. Era um lugar que sugeria proximidade e intimidade com Deus, mas na prática não era isso o que acontecia. A inspeção feita por Jesus mostrou que o que se via ali não passava de um espetáculo vazio. A maldição da figueira foi um ato simbólico que serviu para ilustrar a triste condição espiritual de Israel que não dava frutos dignos do Senhor. A reação imediata das autoridades religiosas diante da denúncia de Jesus foi maquinar um jeito de matá-lo. A partir deste ponto a tensão entre eles e Jesus se tornou cada vez maior.

Ensinos e exemplos de Jesus

A oposição a Jesus cresceu a tal ponto que as autoridades religiosas de Jerusalém buscavam uma forma de matá-lo e eliminar de uma vez por todas aquele homem que denunciava seus pecados. Mesmo sabendo dos planos contra sua vida, Jesus não se calou e continuou denunciando os erros dos líderes religiosos. Dessa vez ele o fez por meio de um exemplo: a parábola dos lavradores maus. O objetivo por trás dessa parábola era expor a rejeição dos líderes de Israel ao plano de Deus. Trata-se de uma acusação contra a liderança de Israel que falhou na sua missão de conduzir o povo de forma digna do Senhor. Jesus fez isso de forma tão clara que mesmo os sacerdotes entenderam que aquela parábola se dirigia a eles (Mc 12.12).

Jesus concluiu a parábola citando o Salmo 118.22-23, que é um Salmo conhecido por fazer referência ao Messias. O evangelista Marcos procura esclarecer aos seus leitores que, assim como os lavradores mataram o filho do dono da vinha e os construtores rejeitaram a pedra, assim também os líderes judeus rejeitaram e mataram Jesus; motivo pelo qual Jesus já havia anunciado anteriormente ao seu sofrimento e paixão.

A identidade do Cristo

Todos os grupos religiosos estavam contrariados com os ensinamentos de Jesus e queriam eliminá-lo a todo custo, mas o fato do povo estar favorável a Jesus dificultava as tentativas de assassiná-lo. A estratégia que eles usaram, então, foi de abordar Jesus com perguntas que mais pareciam uma armadilha. Os mais diferentes grupos religiosos se juntaram a fim de conseguir uma desculpa para condenar Jesus, mas todos falharam em sua empreitada. Jesus respondeu cada uma das perguntas de maneira tão sábia e brilhante que, por fim, ninguém mais ousava interrogá-lo. Em sua resposta, Jesus falou de três pilares sobre os quais repousa a fé:

- O primeiro deles é a liberdade. Jesus ensinou que devemos “dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.” (12.13-17);
- O segundo pilar é a fé na ressurreição dos mortos. Deus “não é não Deus dos mortos, mas de vivos” (12.18-27);
- O terceiro pilar é o amor a Deus, ao próximo e a nós mesmos (12.28-34).

Depois de ouvir muitas perguntas Jesus também lançou uma questão acerca da identidade do Messias esperado por Israel. Os escribas, peritos em interpretar o Antigo Testamento, diziam que o Messias seria filho do rei Davi, mas Jesus contestou essa afirmação citando o Salmo 110 onde Davi se refere ao Messias como seu Senhor. A maioria dos judeus acreditava que o Messias seria apenas um grande herdeiro do rei Davi que governaria política e militarmente sobre Israel, mas se fosse só isso Davi não chamaria de “Senhor” alguém que fosse apenas seu descendente biológico. Jesus estava querendo mostrar que o conceito deles sobre o Messias estava errado. A identificação final do Messias não era com Davi, mas sim com Deus. Jesus fez questão de deixar claro que Ele era o Messias prometido, o Deus encarnado que veio para salvar o mundo dos seus pecados e, por isso, o Cristo.

A curiosidade dos discípulos

Todo o capítulo 13 do evangelho de Marcos é a resposta de Jesus a uma pergunta dos discípulos. Ao sair do Templo um dos discípulos chamou a atenção de Jesus para a suntuosidade e grandeza do edifício. Os judeus se orgulhavam daquela construção. Contudo, apesar de toda a beleza externa que causava admiração, o Templo havia se tornado um lugar passível de condenação. Jesus disse aos seus discípulos que toda aquela grande construção seria destruída e não ficaria pedra sobre pedra. Anos depois dessa profecia o Templo foi totalmente destruído pelo general romano Tito que no ano 70 d.C. ateou fogo na cidade de Jerusalém (curiosamente, período em que Marcos escreveu o seu evangelho).

Quando estavam a sós com Jesus, quatro dos discípulos foram questioná-lo sobre quando esses eventos aconteceriam. A resposta que Jesus lhes deu foi extensa e englobou a questão levantada pelos discípulos, a descrição de sua segunda vinda e o final da era presente. Ao invés de saciar a curiosidade dos discípulos com datas, Jesus deu um alerta de que eles não deveriam se deixar enganar nem se assustar quando aparecessem homens enganadores se dizendo ser o Cristo, nem quando ouvissem falar de guerras entre as nações, catástrofes naturais e fome. Todas essas coisas

aconteceriam, mas Jesus deixou claro que não se podia calcular a data do fim a partir desses eventos. Guerras, terremotos e fome não são parâmetros para determinar o fim dos tempos. Infelizmente essas coisas acontecem, mas Jesus não nos autorizou a transformar essas catástrofes em provas que estabelecem a data para a consumação dos tempos. Jesus não deu a resposta que os discípulos queriam ouvir. Ao invés, disso Ele mais uma vez lembrou seus discípulos dos desafios de ser um cristão no mundo (Mc 13.9-13). Além de desfazer a ideia de que o fim dos tempos pode ser calculado a partir de eventos específicos, Jesus mais uma vez enfatizou a importância da missão a qual os discípulos deveriam se entregar.

Eles deveriam esperar o mesmo tipo de provação que Jesus sofreu. Mas toda essa perseguição resultaria na pregação do evangelho em proporções mundiais. Mesmo diante do vislumbre de um futuro atribulado os discípulos não deveriam temer, porque o Espírito Santo de Deus lhes daria coragem e inspiração para falarem diante dos seus acusadores (Mc 13.11).

O que realmente importa

Depois de falar sobre as tribulações pelas quais os discípulos passariam, Jesus garante que Ele haveria de voltar com grande poder e glória (Mc 13.26). O tempo cronológico desse acontecimento também não nos é dado a conhecer. Apenas Deus conhece a data (Mc 13.32).

Jesus encerra o seu sermão profético exortando seus discípulos a permanecerem vigilantes e em oração. Para isso, ele faz uso de dois exemplos: a parábola da figueira (Mc 13.28) e do homem que se ausenta de seu país e deixa tarefas e obrigações aos seus empregados (Mc 13.34). Este alerta significa que, ao invés de nos preocuparmos em fazer especulações a respeito da volta de Cristo e do fim dos tempos, devemos é conduzir e orientar a nossa vida em obediência a Deus, dando prosseguimento a missão de pregar e de viver o evangelho aqui e agora.

De acordo com a narrativa do evangelho de Marcos, podemos dizer que Jesus transformou a curiosidade dos discípulos num desafio direto para os cristãos de todas as épocas. A lição principal que devemos guardar desse sermão é a necessária atitude de vigilância, prudência e sabedoria que os discípulos de Jesus devem ter: “O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai!” (13.37)

Para refletir em grupo

- O que significa hoje seguir Jesus no caminho da cruz?
- É possível uma igreja deixar de ser “casa de oração” e se tornar “casa de negócio” (covil de salteadores)? Onde e como isso acontece?
- Quais são nossas esperanças em relação ao que há de vir?